

Ação política molecular feminista em 5 atos: uma análise imagética do Movimento Chipko nos anos de 1970**Feminist Molecular Political Action in 5 Acts: An Imagistic Analysis of Chipko Movement in the 1970s****Acción Política Molecular Feminista en 5 Escenas: Un Análisis Imagístico del Movimiento Chipko en la Década de 1970**Helen Rocha Rotta.¹DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.2025.v16.1248>**Resumo**

A ação política de mulheres em condições de subalternidade tem sido cada vez mais discutidas em trabalhos que abordam diferentes epistemologias feministas. Não ao acaso, ações políticas moleculares como o exemplo do movimento Chipko, ou seja, de pequeno impacto, cotidianas e singularizadas ganham força na descoberta de um mundo onde outras formas de viver se associam e se entrelaçam com a natureza. Essa redescoberta do mundo – uma nova associação entre existir e coexistência – parte das mulheres em suas políticas do cotidiano, gerando proposições cosmopolíticas, como sugere Isabelle Stengers, onde a vida na sua simplicidade se conecta ao todo não por sua grandeza ou identificação universal, mas, sobretudo, por sua singularidade. Nesses pequenos contextos de grande impacto, é possível analisar como o conceito de alienação do mundo, proposto por Hannah Arendt é ressignificado promovendo uma aproximação entre os modos de viver no planeta terra e as criações dos seres humanos como parte desse todo. O presente artigo pretende, portanto, refletir e analisar o desenvolvimento do movimento Chipko ao longo da década de 1970, através de 5 fotografias residuais retiradas daquele contexto. Utilizando como principal base teórica as ideias de 5 autores: das proposições cosmopolíticas de Isabelle Stengers e da concepção de mundo de Hannah Arendt, as Três ecologias de Félix Guattari, da produção intelectual da ativista e cientista Vandana Shiva – que esteve em Chipko – e as concepções imagéticas de Georges Didi-Huberman, propõe-se um estudo de caso através de Chipko com o intuito de considerar como ações políticas singulares no contexto mais amplo do campo político podem edificar novas possibilidades de relação com o mundo, bem como com as práticas políticas e de desenvolvimento do mesmo.

Palavras-chave: Ação política. Imagens Moleculares. Ecologia. Epistemologia Feminista. Chipko.

¹ Pós-doutoranda na Universidade Federal Fluminense (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1746-3517>. E-mail: helen.rrotta@gmail.com.

Abstract

The political action of women in conditions of subalternity has been increasingly discussed in works that address different feminist epistemologies. It is no coincidence that molecular political actions such as the Chipko movement, that is, those with little impact, daily and singular, gain strength in the discovery of a world where other ways of living are associated and intertwined with nature. This rediscovery of the world – a new association between existence and coexistence – starts with women in their everyday politics, generating cosmopolitical propositions, as suggested by Isabelle Stengers, in which life in its simplicity connects to the whole not by its greatness or universal identification, but, above all, by its singularity. In these small contexts of great impact, it is possible to analyze how the concept of alienation from the world, proposed by Hannah Arendt, is reinterpreted, promoting a rapprochement between the ways of living on planet Earth and the creations of human beings as part of this whole. This paper therefore aims to reflect and analyze the development of the Chipko movement throughout the 1970s, through 5 residual photographs taken from that context. Using as its main theoretical basis the ideas of 5 authors: the cosmopolitical propositions of Isabelle Stengers and the worldview of Hannah Arendt, the Three Ecologies of Félix Guattari, the intellectual production of activist and scientist Vandana Shiva – who was in Chipko – and the imagery conceptions of Georges Didi-Huberman, a case study is proposed through Chipko to considering how singular political actions in the broader context of the political field can build new possibilities of relationship with the world, as well as with the political and development practices of the same.

Keywords: Political Actions, Molecular Images, Ecology, Feminist Epistemology. Chipko.

Resumen

La acción política de las mujeres en condiciones de subordinación ha sido objeto de creciente debate en obras que abordan diversas epistemologías feministas. No por casualidad, las acciones políticas moleculares, como el movimiento Chipko —es decir, aquellas de pequeño impacto, cotidianas y singulares— cobran fuerza al descubrir un mundo donde otras formas de vida se asocian e interrelacionan con la naturaleza. Este redescubrimiento del mundo —una nueva asociación entre existencia y coexistencia— parte de las mujeres en su política cotidiana, generando propuestas cosmopolíticas, como sugiere Isabelle Stengers, donde la vida en su sencillez se conecta con el todo no a través de su grandeza o identificación universal, sino, sobre todo, a través de su singularidad. En estos pequeños contextos de gran impacto, es posible analizar cómo el concepto de alienación del mundo, propuesto por Hannah Arendt, se resignifica, promoviendo una aproximación entre las formas de vida en el planeta Tierra y las creaciones de los seres humanos como parte de este todo. Este artículo tiene como objetivo reflexionar y analizar el desarrollo del movimiento Chipko a lo largo de la década de 1970, a través de 5 fotografías que se conservan de ese contexto. Tomando como base teórica principal las ideas de cinco autores: las proposiciones cosmopolíticas de Isabelle Stengers y la visión del mundo de Hannah Arendt, las Tres Ecologías de Félix Guattari, la producción intelectual de la activista y científica Vandana Shiva —quien estuvo en Chipko— y las concepciones imagísticas de Georges Didi-Huberman, este estudio propone un estudio de caso a través de Chipko con el objetivo de considerar cómo acciones políticas singulares

dentro del contexto más amplio del campo político pueden construir nuevas posibilidades de relación con el mundo, así como con sus prácticas políticas y su desarrollo.

Palabras Clave: Acción Política. Imágenes Moleculares. Ecología. Epistemología Feminista. Chipko.

Introdução

As ideias de Nicolau Copérnico dão início a grandes eventos de proporções, não apenas astronômicas, físicas e matemáticas, mas, sobretudo de visões de mundo que permeiam, além do imaginário científico da época, a concepção existencial e de pertencimento a este mundo habitado. Diferente de outras grandes revoluções, a copernicana não tinha, aparentemente, intenções de ruptura política, dado que seus axiomas formulados no *Commentariolus*² – livro de comentários, diagrama e escritos feito por Copérnico – tratavam unicamente das suas observações, as quais ele nomeou como “exigências”. Dentre elas, havia uma sobre a centralidade do mundo poder estar, ao que tudo indicava, próxima do sol. Nesse sentido, a Terra ser o centro do universo não passava de uma relação entre os dois corpos, lua e terra ou sua relação com “a gravidade e do orbe lunar”³, sendo que já na primeira exigência dos axiomas, Copérnico anuncia: “Não existe um centro único de todos os orbes celestes ou esferas.”

Quanto a importância desses eventos, em Hannah Arendt (2003) pode-se encontrar uma linha que conecta o aspecto de sua grandeza, não apenas para as descobertas do universo, mais, sobretudo sobre como eles modificam a relação com a Terra e, mais do que isso, a relação dos humanos com o mundo – conceito que em Arendt, adianta-se aqui, aparece como uma dimensão própria da criação dos homens e mulheres aqui no planeta Terra. Este é um ponto de reflexão fundamental que este artigo pretende inferir: como as rupturas modernas, instauradas no pensamento filosófico modernista de época, deram início a um processo de afastamento do mundo. E a partir desse distanciamento e dessa descentração, começam também novas formas ético-políticas de ver o mundo e de estar nele.

² Do Livro I do *De Revolutionibus Orbium Coelestium*, escrito no ano de 1543, intitulado “A ordem das esferas celestes”.

³ Segunda exigência prescrita no *De Revolutionibus Orbium Coelestium*, 1543.

Para a filósofa, é no limiar da era moderna que três grandes eventos se originam: As navegações e descobertas além mar, a Reforma e o telescópio. Quanto ao último, para ela, não Galileu e seu instrumento que permitiu a observação desse mundo sem a dimensão já conhecida, mas, Copérnico foi quem desafiou a noção de um mundo conhecido, delimitado, finito e controlado. No entanto, foi Galileu que possibilitou que, a partir de uma criatura presa na Terra fosse possível observar algo que estava além de suas capacidades de observação e que desafiava seu controle e sua cognição. O que se apresentava de fato era que o advento das ciências naturais se colocava de forma crescente como um ímpeto desafiador de descobrir horizontes nunca antes cogitados, em termos de conhecimento. E, por outro lado, o poder do humano mostrava que, gradativamente, poderia chegar mais perto de compreender a natureza de um universo caótico ou sem ordenamento prévio para assim, dominá-lo.

Essa concepção oferece uma mudança paradigmática existencial profunda, que emerge de um mundo de certezas materiais e simbólicas. O cosmos era organizado de forma entre polos moralmente opostos, do material ao celestial, onde o primeiro era distante e preservado do segundo – embora homens pudessem ser corruptíveis a materialidade do mundo. Há, na revolução copernicana, portanto, uma inversão dessa lógica, onde a tradição – aqui entendida como esse esquema de celestial e material do universo – foi substituída por algo mais caótico, impessoal e que, por fim, desterrava ou afastava o humano desse senso de pertencimento a um ponto, a um mundo que era o centro e único.

Entre perda e busca, a tradição e o universalismo na modernidade se erguem como fios que tecem esse contexto desterrado, impessoal, rápido e, cada vez mais, impetuoso. A qualificação do cosmo – esse universo material dotado de uma ordem – se perde em meio a uma busca acelerada que retomasse esse ponto arquimediano⁴ – ou seja, o ponto de referência – para que assim, pudesse dar estabilidade ao que, propriamente não tem. Nesse debate, Isabelle Stengers (2024) enuncia a necessidade de uma intrusão a esse cosmos previamente universal e organizado, de modo que seja possível e necessário

⁴ Ver em Arendt, Hannah. Pensar sem corrimão 1953-1975. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. Na página 459, no capítulo que Arendt intitula *Ponto Arquimediano*, a filósofa argumenta que “a ciência moderna chamava a si mesma de [...] “ciência ativa e operante”. E essa ciência foi chamada por aquilo que historiadores da ciência chamaram de *veritable retour à l’Achimède*, “um verdadeiro retorno a Arquimedes”. [...]. A ciência moderna [...] substituiu o mundo diverso do senso comum por um mundo arquimediano em que a geometria se torna real, “um universo de medição e precisão”.

pensar em um *slow-science* e, além disso dar conta de uma qualificação política a esse cosmos.

O cosmos⁵ como conceito pode ser entendido, portanto, como uma pergunta ou uma possibilidade dentro desse mundo material, o qual a política tece suas relações práticas e teóricas em experiências mais singularizadas e que, portanto, não necessariamente respondem a uma lógica universal ou necessidades econômicas hegemônicas. Nesse sentido, se possibilita formas especulativas de interpretar e organizar a sociedade com base na localização histórica do seu desenvolvimento, das suas necessidades fundamentais e, portanto, do respeito as sociabilidades e subjetividades daquele contexto.

Um exemplo dessa prática e objeto de análise desse artigo, é a experiência de resistência Chipko. O movimento surge no início da década de 1970 com inspiração dos *satyagraha* desenvolvido por Mahatma Gandhi e tem como instrumento político a resistência firme não-violenta. As precursoras do movimento foram duas mulheres ativistas: Mira Behn e Sarala Behn. No ano de 1972 mulheres da aldeia de Reni – região montanhosa de Uttar Pradesh e Garhwal, no Himalaia – bloquearam as ações de extração dos madeireiros agarrando-se firmemente às árvores e, dando origem ao movimento que fica conhecido como *Chipko* – que significa “agarrar-se”.

O objetivo deste artigo é, portanto, refletir e analisar o desenvolvimento do movimento *Chipko* ao longo da década de 1970, através de 5 fotografias retiradas daquele contexto⁶. Utilizando-se como principal base teórica as ideias de 5 autores: das proposições cosmopolíticas de Isabelle Stengers (2024) e da concepção de mundo de Hannah Arendt (2003), as Três ecologias de Felix Guattari (2012), da produção intelectual da ativista e cientista Vandana Shiva – que esteve em Chipko – e as concepções imagéticas de Georges Didi-Huberman, propõe-se um estudo de caso através de Chipko com o intuito a considerar como ações políticas singulares no contexto mais amplo do campo político podem edificar novas possibilidade de relação com o mundo, bem como com as práticas políticas e de desenvolvimento do mesmo, garantindo assim

⁵ Stengers, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

⁶ É de suma importância salientar que as imagens que compõem essa análise são aqui entendidas como residuais. Não são fruto de um corpus documental extenso e organizados. São resíduos encontrados em diferentes fontes, sites e trabalhos anteriores que resgatam essas imagens com informações também residuárias de sua produção. Entende-se, da mesma forma, as tentativas de registro, ainda que esparsas, como fundamentais para a documentação imagética daquele momento.

segurança e estabilidade para formas de bem-viver e coexistir com outras espécies da Terra.

Se em determinado momento em seu advento, a ciência afastou-se filosófica e ontologicamente das coisas e das possibilidades de ordenamento de mundo – mais espontâneo e menos normativo – talvez a retomada ético-política de alguns movimentos incite a repensar as relações de uma ciência outra. O movimento Chipko provoca, portanto, a reflexão prático-política em termos de uma experiência histórica localizada que tensiona esses lugares universalmente sólidos conceitualmente e em sua materialidade.

A condição humana e o mundo

No que concerne formulações teóricas arendtianas já é lugar comum aceitar que, ao mergulhar em suas ideias, nunca se encontra uma definição prescrita de algum conceito, fato esse que percorre toda a obra e o pensamento da autora. No entanto, com o intuito sempre de alargar as suas possibilidades de reflexão, Arendt (2021) nos presentia com a oportunidade também do “pensar sem corrimão”⁷. E é assim que o conceito de mundo se apresenta e permeia toda a sua filosofia política. Em Hannah Arendt (2003) o conceito de mundo aparece – conceito outro esse que lhe é muito importante, o de *aparecimento*⁸ – como uma certa reconciliação entre o pensamento e a ação, o que acena diretamente para a forma como é edificada a sociedade em suas bases do fazer político. As reflexões de Arendt (2010) iniciam seu percurso mais fortemente quando os eventos políticos instáveis do século XX, mais precisamente na república de Weimar na Alemanha dão origem aos extremos futuros da II Guerra Mundial. Estes sinalizam para ela um sintoma que se gesta desde o período da modernidade, mais fortemente, e que caracterizado pelo seu aprofundamento tem como desfecho aquilo que figurou no holocausto dentro do regime totalitário alemão. Para ela alguns dos sintomas gestados na modernidade como a destruição do espaço público, a crise das classes e dos estados-nação, as sociedades de massas, o imperialismo e a ascensão do trabalho em detrimento da ação política geraram um efeito de afastamento ou desatenção para com o mundo.

⁷ ARENDT, Hannah. *Pensar sem corrimão* 1953-1975. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

⁸ Para leitura do conceito de aparecimento em Hannah Arendt ver em: Arendt, Hannah. *A vida do Espírito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. P. 35-83.

Mas, mais do que efeitos específicos, Arendt sugere a reflexão sobre a ação dos homens e mulheres sobre o mundo, essa construção coletiva da qual ele vem se distanciando gradativa e visceralmente. Portanto, em meio ao conceito de mundo, Hannah Arendt (2003) formula que há, sobretudo um processo de alienação do mundo⁹. Mas, o que seria alienar-se do mundo? Tendo como ponto de partida as reflexões de Max Weber (2013)¹⁰, Arendt estabelece que o desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*) sugerido por Weber tem muita relevância, mas, o que para ela é determinante não são apenas as relações problemáticas e contraditórias no processo intramundano, como citadas por ele em sua obra *A ética protestante do Capitalismo* (2013). O ponto a ser observado é, essencialmente o distanciamento que o poder dos homens e suas criações estabelecem entre eles mesmos e o mundo em sua diversidade. É nesse sentido que a filósofa dá a maior importância aos processos revolucionários de Copérnico e Galileu, pois, a partir dos mesmos, a alienação é com relação a imensidão de fronteiras que o poder do homem já não precisa respeitar e, para além dessas mesmas fronteiras, aliena-se de suas próprias criações e condição de ser mundano.

Na medida em que a propriedade e a dimensão da obra¹¹ – esse mundo fabricado na artificialidade pelos humanos – crescem expressivamente, constitui-se a mundanidade de homens e mulheres. Nesse sentido, o afastar-se do mundo, homens e mulheres perdem aquilo que é mais constitutivo da sua característica principal como seres humanos, que seria o contato uns com os outros e com o mundo ao qual pertencem. Para Arendt, quando Weber (2013) escreve o espírito do capitalismo, ele demonstra também o quanto é possível que na mesma medida em que o homem moderno construiu um mundo para si cheio de coisas, esse mundo é totalmente desprovido de uma relação profunda com essas mesmas coisas ou de qualquer cuidado. Quando Arendt encontra Karl Marx (2003) para repensar o conceito de alienação, aponta que a alienação não se constitui como um

⁹ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. P. 312.

¹⁰ WEBER, Max. *Ética protestante do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013. P. 100-144. Para Weber, há um progressivo desencantamento do mundo na modernidade, onde gradualmente a racionalidade do capitalismo toma conta de valores éticos mais amplos de coexistência. Assim, as grandes explicações mais místicas ou espirituais dão lugar a uma racionalidade que se opera para além dos processos teológicos, ainda que muitos deles tenham o impulsionado.

¹¹ Dentro do conceito de *vita activa*, Arendt distingue três esferas fundamentais: O trabalho, a obra e a ação. O trabalho seria a existência, correspondendo, portanto, a processos biológicos comuns a todos e todas. A obra seria o mundo artificial de coisas, criado e fabricado artificialmente pelos humanos. E a ação seria a única atividade que mulheres e homens não poderiam fazer sozinhos, pois, é a condição humana propriamente dita, o espaço relacional entre um-e-outro. ¹¹ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. P. 37-45.

processo de afastamento unicamente de si, mas, um afastamento do mundo, ou seja, esse todo coletivo, abraçado por todas as coisas que estão no planeta terra.

E é pela gravidade do afastamento que se criou entre os humanos a terra e o mundo, que Feliz Guatarri aponta em *As três Ecologias* (2012) que “não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais”¹².

O filósofo coloca que as relações dos humanos com a sociedade, com suas emoções e com a natureza tendem a se deteriorar cada vez mais, uma vez que, segundo ele, não há uma consideração do todo com relação aos efeitos das produções humanas. Nesse sentido, a ideia proposta por Guatarri de ecosofia (2012) se parece de grande contribuição, não apenas para reintegrar os humanos ao meio ambiente e criar uma conexão com suas subjetividades mútuas, como também para pensar no modelo de Isabelle Stengers em como, a partir da Slow-Science¹³, essa retomada entre natureza e humanidade pode ser pensada em termos práticos, políticos e científicos.

Na medida em que a ecosofia em Guatarri(2012) pode ser pensada em termos ético-políticos, a estética de uma nova relação com o mundo, com a paisagem, com os desejos e das relações mais profundas que possam habitar as cosmologias existentes, encontra-se, nesse sentido, a emergência de potencialidades em movimentos sociais que surgem no contexto de contestação dessa lógica hegemônica de técnica, de desterritorialização das relações entre o eu e o outro. Assim, o movimento Chipko pode ser entendido como uma proposta dentro dessa cosmologia de pequenas relações que alteram o todo e que desafiam não apenas esse afastamento e alienação do mundo na concepção arendtiana, como a própria ecologia guattariana, que parte da boa relação entre o meio ambiente, a humanidade e das subjetividades possíveis entre esses dois âmbitos.

As imagens moleculares de Chipko: entre feminismo e ação política

A crise ecológica – usando a referência guattariana das três ecologias (2012) – se dá por uma série de contradições e paradoxos que envolvem a humanidade. Em especial,

¹² GATARRI, Felix. *As três ecologias*. Capinas, SP: Papirus, 2012. p 19.

¹³ Stengers, Isabelle. *Uma outra ciência é possível*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

neste trabalho, dois eixos se encontram para denunciar a gravidade da alienação do mundo instaurada na sua relação com o todo: o feminismo e o meio ambiente. O movimento Chipko, fundando na esteira desse contexto de emergências sociais que buscavam uma relação mais harmoniosa entre a vida e o meio, lança na década de 1970 uma proposta que integra feminismo e ecologia, de maneira que a estética da sua ação política se ancora na simbologia do que a floresta e a natureza significam para as comunidades do Himalaia, e, mais do que isso, para o mundo, convidando à reflexão ao desafio do feminismo local, uma proposta cosmopolítica de ação, estética e reflexão para além das construções hegemônicas vigentes.

Vandana Shiva (1988) aponta que a colonização indiana foi conduzida nas florestas do Himalaia com o intuito de fortalecer as ferrovias. A responsabilidade desse processo de desmatamento foi, não raro, atribuída aos habitantes locais. Mas, não é, segundo Shiva, fato comprovado que antes do interesse dos ingleses nas florestas do Himalaia, a comunidade local e principalmente as mulheres viviam em perfeita harmonia com as florestas, que para elas possuía uma subjetividade muito além do aspecto dos seus usos mais práticos. Na cultura indiana, as florestas vêm sendo adoradas como a deusa da fertilidade, nomeada Aranyani, que possui um princípio feminino em seu aspecto constitutivo-subjetivo. Aranyani é, assim, a floresta, fonte de vida e organiza não apenas aquilo que ela pode dar materialmente, mas, sobretudo uma diversidade harmônica cosmológica que é chamada de *Aranya Samskriti* (cultura da floresta), baseada não apenas em um aspecto visto como primitivista aos olhos da cultura ocidental, mas, precisamente uma escolha consciente de coexistência.



Imagem 01: Mulheres e crianças militantes em Uttar Pradesh, no movimento Chipko. Ano desconhecido, autoria desconhecida.

A imagem retirada das militantes indianas convida ao que Georges Didi-Huberman (2020)¹⁴ nomeou de rasgadura: uma análise que se propõe a abrir a imagem e poder debater-se nas múltiplas interpretações que ela possibilita diante da sua localização história – que foram as manifestações de Chipko na década de 1970. Entre moças e meninas costura-se a relação de abraçamento nas árvores de Uttar Pradesh, onde tudo começa – e mais adiante se espalhará até a Índia Central – local em que as mulheres constroem muito mais do que uma conservação, silvicultura e agricultura de subsistência, mas, sobretudo uma forma de existir com base em outros saberes. A esse aspecto salienta-se uma característica fundamental dessas comunidades: uma sociedade que se estrutura no que Shiva nomeou como “civilização ecológica”, sustentada ontologicamente pela harmonia com a natureza¹⁵.

¹⁴ Didi-Huberman, Georges. *Imagens apesar de tudo*. São Paulo: Editora 34, 2020.

¹⁵ Stengers, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

A captura dessa imagem dentro de uma concepção de civilização ecológica sinaliza o olhar para algo que Gerorges Didi-Huberman(2020) atribuiu a interpretação iconológica de Erwin Panofsky, que coloca como “a relação do olho com o mundo é, em realidade, uma relação da alma com o mundo do olho”¹⁶. Com essa frase, Panofsky e Didi-Huberman, que se utiliza de seus escritos, declaram que a possibilidade de entender uma realidade da qual não compartilhamos e tirar dela algo de mais “verdadeiro ou autêntico” seria uma ingenuidade que habita a instância da representação – que será sempre uma interpretação localizada em que a faz. Nesse sentido, poder abrir a imagem e rasga-la é poder também permitir-se transitar entre o inconsciente e o consciente, entre entendimento e desentendimento ou um aspecto dissemelhante nomeado por Kant¹⁷ como o sublime. Rasgar a imagem é também rasgar a lógica e reaproximar os pontos entre aquilo que existe e aquilo que foi registrado através de uma estética do sensível, daquilo que é politicamente e subjetivamente partilhado entre as mulheres de Chipko e que, a partir da imagem, pode ser partilhado e reinterpretado por outras sociedades no campo público da visualidade.

Longe de toda a carga patriarcal atribuída, por exemplo, pelos gregos – a exemplo dos escritos de Platão (2017) – sobre a natureza das mulheres nos termos estritamente biológicos¹⁸, a natureza associada a figura de princípio feminino aqui não é apenas relacionada ao caráter reprodutivo e pela lógica sexual-reprodutiva do trabalho¹⁹, no

¹⁶ Panofsky, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2007. As formulações mais completas sobre o método iconológico de Erwin Panofsky podem ser encontradas no livro aqui mencionado.

¹⁷ Kant, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2012.

¹⁸ Platão. *A República*. São Paulo: Ediora Lafonte, 2017. Em Platão, no livro V, é possível perceber o pai como uma figura pensante e a mãe como uma figura natural. Nesse sentido, a mulher é uma matéria-prima. A partir desse debate, quando formula as possibilidades de ação de homens e mulheres na pólis, sugere que são iguais e podem exercer funções iguais. Porém, quando Platão formula e discute com Sócrates intensamente sobre a ideia de bem comum no Estado, ele aponta que o bem comum deve ser exercido pelos cidadãos de modo que cada um exerça aquilo que é apto a exercer e, desta forma, produzir o bom funcionamento da sociedade. E conclui que a maternidade é a função em que as mulheres estão mais aptas a contribuir com a coletividade. Assim, reforça e constrói uma ideia em que o bem do estado é edificado a partir de uma aptidão biológica da mulher, que tem o dever de contribuir com esse bem comum, coletivo.

¹⁹ Guillaumin, C. (2016). *Sexe, race et pratique du pouvoir*. Les Éditions iXe. Tradução Abreu, M. In: *Crítica Marxista*, n.46, p.181-183, 2018. O conceito de trabalho aqui referido está formulado nas reflexões de Colette Guillaumin, onde ela faz uma distinção importante nas relações de trabalho do capitalismo, pois, a apropriação do trabalho com relação as mulheres não é apenas pela exploração ao trabalho livre e sim por outras instituições, como o casamento, a igreja, a família o estado e outras instituições que funcionam para retirar o estatuto de “trabalho livre” das mulheres e denota-lo para um trabalho do corpo: Apropriação do bios, do tempo, do corpo, das emoções, do cuidado, do sexo, entre outros elementos que são transformados na relação trabalho/capital. GUILLAUMIN, Colette. *Práctica del poder e ideia de naturaleza*. In: FALQUET, Jules; CURIEL, Ochy (Orgs.). *El patriarcado al desnudo: tres feministas materialistas*: Colette Guillaumin - Paola Tabet - Nicole Claude Mathieu. Buenos Aires: Brecha Lésbica, 2005.

sentido estritamente capitalista do termo. Mas, sobretudo ao sentido da natalidade em termos de recomeços, nascimentos possíveis e vínculos autênticos, assim como a analogia entre a árvore, as crianças e as moças retratadas na imagem acima. A vida, na natureza e nas mulheres é interpretada com autonomia, não objetificadas e não atravessadas pela exploração ou por alguma funcionalidade específica, não sendo seres passíveis de dominação masculina²⁰.

Em Hannah Arendt (2003) a natalidade é parte constitutiva da existência humana – assim como a morte – e se relaciona intimamente com a sobrevivência da espécie em termos de curto e longo prazo. Na mesma medida em que a *Vita Activa*²¹ se sustenta em termos de espécie, biologicamente falando, o mundo criado e sua artificialidade – a obra – conferem medidas de permanência e durabilidade dessa existência humana, sendo reverberada e edificada na ação plural e nos espaços de compartilhamento entre os seres humanos e o meio em que estão inseridos. É assim que a vida se desenvolve, tanto em termos do que é natural e biológico, quanto no que é produzido e de responsabilidade da obra humana. As imagens de Chipko, portanto, atestam a noção de imagem-documento, pois, em meio a produção de uma artificialidade perene ao tempo, a ação política dessas mulheres não instaura apenas uma cosmopolítica que desordena a lógica vigente, mas, que também registra e se circunscreve na história a partir de documentos histórico-imagéticos deixados por elas mesmas. Mas, nenhuma dessas duas esferas (obra e trabalho biológico) faria sentido para a humanidade sem o aspecto da ação plural entre os corpos humanos que criam as condições para a lembrança, para a produção da história. Assim, na medida em que a natureza é percebida como ente, como parte dessa equação entre o que é da biologia e o que é da artificialidade, é ela que gesta toda a existência, humana e não humana, uma vez que sem ela nem trabalho nem obra – na perspectiva arendtiana – poderiam existir, mas, somente com ela e entre ela, é possível fazer nascer cenários possíveis de serem compartilhados. É, portanto, um trabalho etnobotânico, que visa o cultivo das relações humanas tanto quanto as relações ecológicas, aqui no caso tratando-se das árvores das florestas da himalaia.

²⁰ SHIVA, Vandana. Ecofeminismo. Belo Horizonte: Luas Editora, 2021.

²¹ ARENDT, Hannah. A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. P. 315.



Imagem 02: abraçam árvores como forma de resistência, Uttar Pradesh, no movimento Chipko. Ano 1973, autoria desconhecida.

O trabalho das florestas era edificado pelas mulheres nas suas mais variadas atividades e, nesse sentido, igualmente construído, em termos de importância, com os dos homens. No entanto, as mulheres em seu papel de coleta de alimentos e forragem se mostraram proeminentes, o que lhes conferiu uma relevância diferenciada no que se refere a gestão e renovação da diversidade das florestas. Nesse sentido, o domínio da floresta era público e irrestrito a presença de homens e mulheres, mulheres essas que tinham destaque em suas funções de proteção e conservação da vida. Essa extensão ao domínio público da visibilidade das mulheres sustentava, em termos de ação política, suas atuações entre o público e o privado. Garantia-se, portanto, a importância do cuidado e a magnitude do mesmo para além da esfera do privado, ressignificando, portanto, a concepção filosófica do que era cuidar, preservar e gerir vidas.

Dado que é o trabalho das mulheres que protege e conserva a vida natural na silvicultura e na agricultura e que, por meio desse trabalho de conservação, é ele que sustenta a vida humana, garantindo o fornecimento de alimento e água, a destruição da integridade dos sistemas florestais é sentida de forma mais vívida e concreta pelas mulheres camponesas. Para elas, a silvicultura está intimamente ligada a produção de alimentos, e é essencial para o

abastecimento estável e perene de água para beber e irrigar, bem como para a fertilidade, fornecida diretamente como adubo verde ou matéria orgânica reciclada pelos animais da fazenda.²²

Para as mulheres, portanto, as florestas são fonte de vida, mas, não na morte de outras espécies. O que significa que para elas a floresta não pode e nem deve ser destruída pelo interesse científico e do progresso para se transformar e suprir outra necessidade. A atuação das mulheres no cultivo das florestas incluía, inclusive a poda de árvores. No entanto, para a vida, garantindo o equilíbrio de ciclos nas folhas que nasciam, por exemplo, que era mais palatáveis para o gado, enquanto as árvores mais antigas possuíam folhas mais duras. Era o princípio de manter o ciclo vivo, apesar das necessidades, respeitando o tempo e as necessidades também da própria floresta como maestra dessas natalidades.

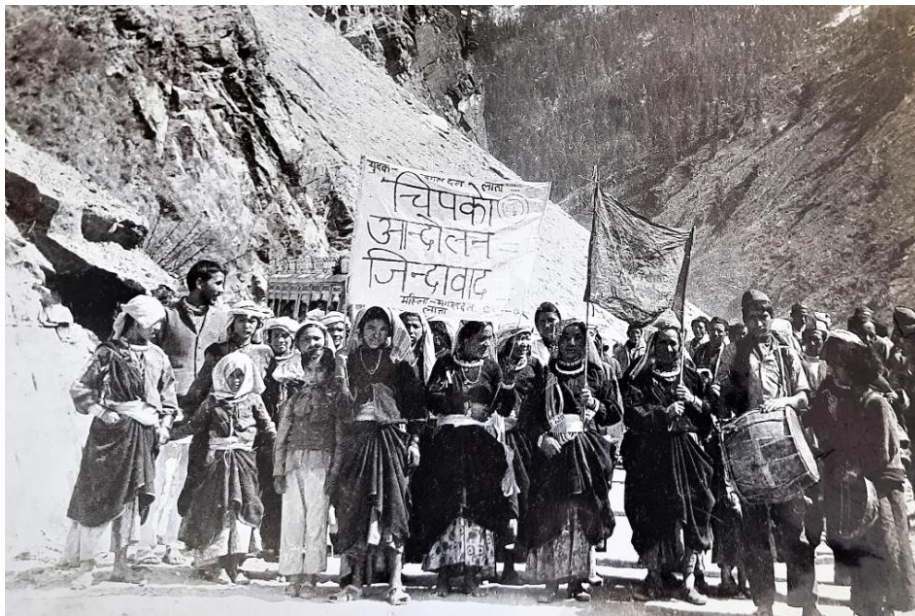


Imagem 03: Mulheres, homens e crianças militantes do movimento Chipko protestam nas montanhas do Himalaia. Ano desconhecido, autoria desconhecida.

Na imagem acima é possível ver uma marcha de mulheres, crianças e acompanhadas de alguns homens. Na centralidade da imagem, estão as mulheres que criam as metodologias de preservação e as ações políticas de Chipko. As montanhas acompanham ao fundo em uma paisagem árida e, ainda que a imagem esteja na coloração preto e branco, é possível identifica-la. Mas, de acordo com Didi-Huberman (2013), as imagens rasgam a concepção lógica, nos ofertando uma possibilidade de mundos. Para ele, a estrutura lógica imagética – aqui definida como mais descritiva, mais presente nessa primeira camada de contato visual – não deve ser negada, existindo, portanto, uma lógica

²² SHIVA, Vandana. Terra Viva. São Paulo: Boitempo, 2024. p 36.

e uma racionalidade que estão presente na análise visual e que auxiliam na compressão de um conjunto de aspectos imagéticos. No entanto, seria exíguo refletir o caráter estritamente racional de uma imagem, renegando a ela a rasgadura. Assim como a imagem possui uma lógica, essa mesma lógica é inundada e atingida por proposições na sua centralidade e, faz caminhar junto a ela (a lógica) um novo ordenamento interpretativo, aberto, singularizado e diferente. É desta forma que se gestam concepções cosmopolíticas²³ de coexistência, entre as objeções e interpelações do sublime, no dissemelhante e no discrepante das hegemonias. É preciso, portanto, observar o negativo de uma imagem, aquele que atravessa o visível e fere a lógica em algumas partes, não desfazendo-a, mas, sobretudo questionando seu ordenamento perfeito.

É na esteira desse debate e dessa abertura que Isabelle Stengers (2018) convoca a formulação de uma cosmopolítica especulativa ou de um cosmoespeculativo, que está sempre e em constante transformação. Em Chipko, as mulheres não construíam uma ação política para o reconhecimento político como figura emblemática. Sua ação cosmológica e política estava ancorada na construção de uma coexistência, com base na civilização ecológica, que não oferecia nenhuma relação benéfica para os ingleses, interessados na retirada da madeira que se converteria, mais tarde, em lucros para exportação. Nesse sentido, a cosmopolítica em Uttar Pradesh, erguida pelo movimento Chipko não era redutível a algum reconhecimento externo ou internacional dentro do campo político hegemônico, mas, sobretudo uma ação política eficaz produzida para aquele contexto, ainda que para outros não fosse. A ordem, a verdade e a lógica que qualificam o termo cosmo são colocadas aqui como um desafio a centralidade desses conceitos, uma vez que para Stengers a tolerância dentro dessa ordem multicultural erguida pelo cosmopolitismo é muito questionável e, na sua maioria expressiva de experiência, busca um bem comum que não é real para comunidades mais distintas.

Historicamente, o movimento Chipko ficou conhecido como resistência ambiental. Em estudos recentes, como os feitos a partir dos escritos de Vandana Shiva (1988), suas ações políticas ganham amplitude e mostram que a sustentação de toda a metodologia e ação política do movimento foi elaborada e gerida por mulheres. E, para Shiva, esse movimento cosmopolítico foi alimentado não só pelo conhecimento prático dessas mulheres, como também pelo seu entendimento ecológico-político e moral.

²³ Stengers, Isabelle. Uma outra ciência é possível. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

Alguns homens que fizeram parte do movimento foram alunos e seguidores de proeminentes nomes da ação política feminina em Chipko, como Mira Behn, Sarala Behn, Bimba Behn Hima Devi, entre outras. As formulações de todas essas mulheres eram científicas e todas eram mulheres da ciência, mas, profundamente baseadas na construção da comunidade local. Na observação cuidadosa de uma *slow-science*, como sugere Stengers(2024), que se preocupava com a construção política e ética de um *ethos* profundamente arraigado ao local, entre humanos e não-humanos.

As mulheres se envolviam nos mais diversos movimentos na região e muitas iam além da conservação das florestas de forma mais direta, percebendo outros fatores incidentes, como o caso das barragens em Tehri, nos anos de 1970 a 1990. Para elas, a ética do cuidado²⁴ e da manutenção da vida praticada pelas mulheres gerava um entendimento de mundo que era muito distinto da concepção masculina que assombrava o mundo do progresso. O desenvolvimento dentro da lógica masculinista criou não apenas a degradação dos homens e mulheres no mundo em que vivem, mas, sobretudo a destruição e alienação ou separação desse próprio ambiente que eles queriam tanto atuar: o mundo. Existem, portanto, nas teorias de Vandana Shiva (2024) dois princípios norteadores: um que melhora a vida e o outro que se empenha em fortalecer a morte. O que melhora a vida está ancorado no cuidado e expõem esse cuidado e compartilhamento no espaço público. Não ao acaso, foi edificado pelas mulheres. O outro, é o do lucro, progresso e mercado que foi e continua sendo mantido pelos homens.

É com esse olhar de desafio ao paradoxo que as imagens das mulheres de Chipko pode ser analisada, como um desafio ao tecido da história, bem como uma rasgadura desse tecido através dos registros imagéticos que nos convidam a conhecer outro propósito, tão distante daquele que as cosmológicas políticas hegemônicas apresentam.

²⁴ GILLIGAN, Carol. In *a different voice: Psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard, 1982.



Imagem 04: Mulheres abraçam árvores em Uttar Pradesh, no movimento Chipko. 1973, autoria desconhecida.

Unindo pontos entre a prática do registro imagético a ação política, as mulheres em Chipko reformulam através da sua presença no espaço público e no confronto discursivo, a ideia de participação política. Sugeriam que seus corpos, suas rotinas e condutas diárias, suas trocas intergeracionais e sua relação com a ciência dos fazeres cotidianos eram a base para a construção de um espaço participativo e feminista. Tanto nas proposições cosmopolíticas como na teoria política²⁵ de Hannah Arendt (2022), a justiça e a igualdade não se fazem em aspectos de conformação ou abafamento de determinadas características, mas, sobretudo, na elaboração de uma perspectiva agonista e democrática. Chantal Mouffe (2005) propõem que o campo político parece estar fundado em uma enunciação sempre aberta ao conflito, as paixões, as pulsões e a pluralidade. A negação desses preceitos teria como efeito a racionalidade exacerbada que teria como desfecho final, inevitavelmente, algum tipo de esclarecimento totalitário²⁶.

Mas, ainda a partir dos modelos de participação política disponíveis, Mouffe aponta que uma das características ao modelo liberal que foi consolidado ao final do XIX e se retoma com certa importância no contexto após a Segunda Guerra Mundial e da emergência da Guerra Fria, é um cinismo no campo político e nos agentes que constroem essa política de forma mais prática. Com a crescente dos movimentos sociais, especialmente nos anos de 1960 e incluindo aqui Chipko nessa gama de desacomodações, é possível, para ela, que exista algum incômodo no aspecto deliberativo da política. É sobretudo, aquilo que Arendt sinaliza ser a única forma de garantir a liberdade em termos

²⁵ Arendt, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022. P. 21-124.

²⁶ Adorno, Theodor; Horkheimer, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

políticos: poder falar e poder agir. E nesse sentido, deliberar parece edificar uma incoerência no sentido da participação e, mais do que isso, do protagonismo e do pluralismo dentro do campo político.

Como movimento político na vanguarda da construção ecofeminista, as mulheres em Chipko desfazem nos termos mais práticos dessa desconstrução, a noção mecanicista de que mulheres e natureza são matérias inertes e que sua utilização está a serviço do capitalismo colonial, uma vez que sua matéria é passiva – sem corpo e sem mente. A passagem na modernidade do mundo contemplativo para o mundo utilitarista da ciência²⁷ tem como desfecho a separação profunda e definitiva dos seres humanos e da natureza, aprofundando as estruturas de alienação do mundo. Como aponta Shiva, “a mesma visão de mundo e as mesmas estruturas que objetificam a natureza e dominam a terra também objetificam as mulheres”²⁸ como objetos de manipulação controle e exploração. No sentido mais amplo de uma organização cosmopolítica dissidente, é possível refletir sobre o seguinte aspecto:

A agroecologia e o ecofeminismo dissipam essas ilusões, reconhecem a criatividade da natureza, das mulheres e dos agricultores, criam sistemas de conhecimento e estruturas econômicas que funcionam de acordo com as leis ecológicas da natureza e defendem a justiça social e de gênero com base no princípio de que todos os seres humanos são iguais.²⁹

Em pesquisa apresentada em relatório das ONU Brasil em 2021³⁰, a liderança feminina ocupa um papel central nas áreas rurais de países em desenvolvimento, expressando um número de 1,7 bilhão de mulheres e meninas que vivem no campo. No entanto, o mesmo relatório aponta que, apesar da expressiva contagem, cerca de 60% dessas, entre Ásia e África tem menos acessos que os homens a serviços como treinamentos, estudos científicos ou materiais para melhoramento de suas produções. O mesmo estudo avaliou ainda que, caso as mulheres tivessem o mesmo acesso que os homens em termos de recursos produtivos, o rendimento do setor poderia aumentar de

²⁷ BAUMER, Franklin L. O pensamento europeu moderno: séculos XVI e XVIII. Lisboa: Edições 70, 1990. V. I.

²⁸ SHIVA, Vandana. Terra Viva. São Paulo: Boitempo, 2024, pg 117.

²⁹ Idem, p 119

³⁰ O relatório disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/115620-empoderar-mulheres-e-meninas-%C3%A9-essencial-para-garantir-seguran%C3%A7a-alimentar-sustent%C3%A1vel-p%C3%B3s>. Acesso em 25 de março de 2025.

20% para 30%. E, convertendo essa mudança em impactos sociais, cerca de 150 milhões de pessoas poderiam ser retiradas da pobreza.



Imagem 05: Mulheres e crianças militantes em Uttar Pradesh, no movimento Chipko. Ano,1973, autoria desconhecida.

As mulheres, para Vandana Shiva (2024), compreendem melhor a elaboração ética e filosófica da sua relação com o mundo, profundamente ancoradas no conceito de cuidado e de natalidade – começos, nascimentos, possibilidades. Atendem cerca de 80% das necessidades alimentares onde há insegurança alimentar e, portanto, a produção de vida se desfaz de qualquer separação utilitarista, uma vez que está intimamente conectada por essa ação política molecular, feita de pequenas ações do cotidiano entrelaçadas com a coexistência entre a terra e o mundo, entre a artificialidade da obra e o trabalho biológico. Entre o registro imagético memorialístico e a rasgadura dos tempos que possibilitam aprofundar o conhecimento sobre essas ações que reordenam o cosmo-político.

Ainda que diversos estudos apontem para o quanto as mulheres possuem importância político-econômica para a manutenção da vida, não só alimentar como ecológica do mundo, diversos dados são omitidos. Ao que tudo indica, a omissão dos dados se dá no momento em que o entrecruzamento de tarefas se torna confuso para ser contabilizado, uma vez que o trabalho do cuidado com a natureza, com a silvicultura e com a agricultura se confunde com o trabalho doméstico. Aqui, residem dois problemas de uma mesma natureza: o não reconhecimento da mulher no campo do trabalho eco-

científico e, na mesma medida, o não reconhecimento de que o trabalho doméstico é trabalho e não é remunerado. Nesse sentido, a maior parte dos seu trabalho não é medido em salários e se torna invisível, pois está fora do mercado tradicional.

A agricultura e a silvicultura são extensões do trabalho do cuidado para as mulheres que trabalham no campo. Mas, a ciência e a tecnologia acabam ignorando o impacto e a dimensão desse trabalho. Segundo relatório da FAO, as mulheres utilizam mais diversidades de plantas e sementes do que a ciência tradicional maneja. Ou seja, o seu impacto de cuidado com a biodiversidade e com a restauração da vida é mais significativo, porém, não contabilizado.

Considerações finais

Quando em sua teoria do cuidado a filósofa Carol Gilligan(1982) aponta que “In the midst of a democratic structure, care is a human ethic”³¹ – ela sugere que o cuidado não deve ser construído de forma que funcione apenas direcionado a uma lógica feminina, e também não deve ser pensado politicamente a partir das mulheres que vivem em uma sociedade machista. Sem negar o fato do quanto o patriarcado incide sobre a lógica do cuidado – e ao contrário, aprofundando-se ainda mais nesse lugar – tenciona que esse cuidado necessita estar amparado em novas condutas morais e éticas sim. Mas, deve ser instaurado de forma que possa se ampliar e se descentralizar da figura da mulher. Nesse sentido, o cuidado e o afeto seriam direcionados para uma sociedade que se cuida como um todo, que presta a atenção a aspectos pequenos, moleculares e cotidianos e que estão mais localizados, em termos de tempo e espaço. A democracia e o cuidado com o mundo se intensificariam e poderiam passar a ser orientados mais por princípios, condutas, normas e sentidos de forma horizontal e comunitária.

Nesse caminho, Gilligan(1982) estende as mãos para Hannah Arendt (2003), Vandana Shiva (2024) e Isabelle Stengers(2024). Em Arendt (2003), pelo princípio intangível do contato entre os seres humanos, que precisam dessa aproximação para a edificação de uma sociedade com justiça social e, sobretudo, baseada no paradigma da

³¹ GILLIGAN, Carol. In a different voice: Psychological theory and women's development. Cambridge: Harvard, 1982.

diferença e não o da igualdade³². Em Gilligan (1982), a defesa de que nascemos já dentro de um sistema relacional do qual não podemos escapar e no qual estaremos inseridos como espécie inevitavelmente, pode ser a base para se pensar de que maneira é possível avaliar estratégias de ruptura em processos de individualização/indiferença e distinção de poder que teriam como desfecho a restrição, principalmente de mulheres ou grupos minoritários invisibilizados, como o caso das mulheres de Chipko que apenas muito tardiamente recebem o reconhecimento por seus feitos.

Quando se entrelaça com o pensamento de Vandana Shiva, relembra-se a partir de Arendt que essa espécie de conexão é um relacionamento de amizade, de amor ao mundo; um vínculo do qual não se pode furtar em experienciar, sobretudo para construir uma sociedade baseada na pluralidade, no convívio das diferenças, na comunicação ativa – ação e fala – para assim adquirir-se condições que conduzam a uma sociedade com liberdade para ser livre³³ dentro de, como propõem Isabelle Stengers (2024), um cosmos desordenado de sentido universal, porém profundamente organizado dentro de uma lógica fraturada e multifacetada.

A partir das fotografias nomeadas neste trabalho de “Ação política Molecular Feminista” foi possível se deparar com um cosmo que, muito longe de estabelecer princípios ordenados, propunha o contrário: uma rasgadura, um desalinho em forma de registro imagético, que instaura e produz sentido histórico-memorialístico a uma pequena prática política feminista molecular, localizada. Se as fotografias registram, como sugeriu Didi-Huberman (2020), um instante de pensamento. é possível especular que os registros imagéticos aqui explorados de Chipko provocam uma reflexão sobre como ecologia, economia e a história das mulheres estão intimamente ligados e produzem uma tensão entre público e privado, cuidado com o mundo e cuidado com o lar. O lar, para as mulheres de Chipko, como aponta Vandana Shiva (2024) é a floresta. E a floresta, por sua vez, a economia desse lar. E essa economia, por sua vez, o próprio lar. Ainda que

³² ARENDT, Hannah. *Pensar sem corrimão* 1953-1975. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. Em diversos capítulos dessa obra Hannah Arendt Crítica a construção do liberalismo dentro das teorias contratualistas dos pensadores modernos. Parte dessa crítica se dirige, especialmente, ao conceito de igualdade e como a centralidade desse conceito foi utilizada para garantir um estado de controle.

³³ ARENDT, Hannah. *Liberdade para ser livre*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. Na leitura desta obra de Hannah Arendt é possível encontrar um aprofundamento do que significa, na obra da filósofa, o conceito de liberdade. Para tanto, é necessário pontuar que se trata de uma concepção muito diferente da teoria política liberal, em que a liberdade é baseada em consensos e universalizações. Em Arendt, encontra-se uma abertura para a liberdade através dos antagonismos, da possibilidade de falar e agir livremente, sendo esses pressupostos fundamentais para a edificação de uma sociedade minimamente livre.

Shiva não tenha se proposto a refletir propriamente sobre as origens do patriarcado antes das sociedades modernas e como o mesmo já podia ser analisado a partir das sociedades europeias gregas ou romanas, por exemplo, a sua leitura de mundo a partir da modernidade aponta para o recrudescimento da separação entre o mundo e os seres, entre a Terra e os humanos e, como desenvolvimento dessa alienação do mundo, também o aprofundamento das estruturas patriarcais que oprimem e distanciam os homens e as mulheres como efeito desse progresso masculino, transformando a natureza e as mulheres em objetos passivos de exploração econômica.

Não é possível dizer que, diante das imagens que foram aqui apresentadas, a verdade sobre as mulheres de Chipko possa ser analisada. Nem mesmo existe uma verdade que seja tangível capturar-se pelo registro imagético ou fotográfico, estando a imagem sempre à mercê da contingência de quem captura e de quem olha, na sua passagem pelo tempo. No entanto, refletir sobre as possibilidades cosmopolíticas instauradas por essas mulheres é também permitir-se não procurar um sentido tautológico para a produção das suas imagens e a captura de seus momentos. Seria mais adequado pensar de forma residual e aberta com relação a essas fotografias, admitindo a sua incompletude, a sua não-verdade. Mas, tratando-se de imagem localizadas em tempo-espço, o caráter de registro documental dessas práticas políticas se enriquece de tal forma que, ainda que com um corpus numérico reduzido, suas existências possam reformular a maneira de pensar a ação política feminista, o cuidado com o mundo e a ideia de que a coexistência parece ser, em termos de democracia, a mais adequada forma de habitar este mundo – ou outros possíveis aqui mesmo, na Terra.

Referências

- Adorno, T.; Horkheimer, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- Arendt, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. página 310.
- Arendt, H. *Liberdade para ser livre*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.
- Arendt, H. *Pensar sem corrimão 1953-1975*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- Arendt, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- Arendt, H. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.
- Baumer, F. L. *O pensamento europeu moderno: séculos XVI e XVIII*. Lisboa: Edições 70, 1990. v. I.
- Copérnico, N. *Revolutionibus Orbium Coelestium*. Livro I: A ordem das esferas celestes. 1543.
- Gaard, G.G. L. (2005). Ecofeminism: toward global justice and planetary health. In Zimmerman, M. E. et al (Eds.), *Environmental philosophy: from animal rights to radical ecology* (pp. 155-177). Upper Saddle River: Pearson Prentice Hall.
- Guatarri, F. *As três ecologias*. Capinas, SP: Papirus, 2012.
- Gilligan, C. *In a different voice: Psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard, 1982.
- GUILLAUMIN, C. Prática del poder e ideia de natureza. In: FALQUET, Jules; CURIEL, Ochy (Orgs.). *El patriarcado al desnudo: tres feministas materialistas: Colette Guillaumin - Paola Tabet - Nicole Claude Mathieu*. Buenos Aires: Brecha Lésbica, 2005.
- Guillaumin, C. (2016). Sexe, race et pratique du pouvoir. Les Éditions iXe. Tradução Abreu, M. In: *Crítica Marxista*, n.46, p.181-183, 2018
- Didi-Huberman, G. *Imagens apesar de tudo*. São Paulo: Editora 34, 2020.
- Didi-Huberman, G. *Diante da Imagem*. São Paulo: Editora 34, 2013
- Kant, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2012.
- Panofsky, E. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- Platão. *A República*. São Paulo: Ediora Lafonte, 2017.
- Shiva, V. *Staying Alive: women, ecology and survival in India*. London: Zed Books Ltd, 1988.
- Shiva, V. *Terra Viva*. São Paulo: Boitempo, 2024. p 36.
- Shiva, V. *Ecofeminismo*. Belo Horizonte: Luas Editora, 2021.
- Stengers, I. *Uma outra ciência é possível*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.
- Stengers, I. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.
- Stengrs, I. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.
- Weber, M. *Ética protestante e o espírito capitalista*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

Recebido em: 10/04/2025

Aprovado em: 31/08/2025